

PRÓLOGO

— Ele agora fica consigo? — vociferou ela. — É bom que fique! Não consinto que voltem a mudá-lo. É uma pouca vergonha. Aqueles merdosos!

— Não, ele não volta a ser mudado — garanti à Tracey. O Reece puxava-me o braço, soltando um ruído sibilante. — Quietos, portate bem! — disse eu.

— Faz o que te dizem! — gritou a Tracey, dando-lhe mais um cachaço.

Este foi o meu primeiro encontro com a Tracey, a mãe do Reece.

Alguns pormenores, incluindo nomes, datas e lugares, foram alterados para proteger as crianças nesta história.

Capítulo Um

COBERTURA

Eu e a minha família tínhamo-nos despedido com muita emoção do Tayo (o menino cuja história descrevi no meu livro *Hidden*), a última criança que havíamos acolhido, no final de outubro e, por nos termos afeiçoado tanto a ele, pareceu-nos boa ideia fazer um acolhimento de cobertura em vez de aceitar outra colocação a longo prazo.

«Cobertura», em termos de acolhimento, significa cuidar de uma ou mais crianças de acolhimento à guarda de outro cuidador ou cuidadora enquanto estes gozam um merecido descanso. O acolhimento de cobertura não implica o mesmo envolvimento ou complicações emocionais que o de longa duração: a criança, ou crianças, chega limpa e bem alimentada, com tudo de que precisa para a sua estada, e com a segurança de saber que voltará para o cuidador ou cuidadores permanentes depois da pausa. Há cuidadores que só fazem acolhimento de cobertura, e por eles passa constantemente um desfile de crianças. Quem acolhe cuida da criança exatamente como cuidaria de qualquer outra à sua guarda, mas o período que esta passa com ela (ou ele) é considerado umas pequenas férias por todos os intervenientes, e o cuidador sabe que não pode envolver-se demasiado. Por esta razão, diz-se que o acolhimento de cobertura é «mais fácil». Embora eu esteja sempre disposta a oferecer cobertura quando não tenho nenhuma criança à minha guarda, prefiro o envolvimento das colocações a longo prazo, e a satisfação de saber que de algum modo ajudei, espero, uma criança no difícil caminho da vida.

Depois da partida do Tayo, e antes de embarcarmos no acolhimento de cobertura, preferimos passar uma semana sem qualquer

criança. Isto deu-me uma oportunidade de limpar e arejar a fundo o quarto; além disso, eu e a minha família — o Adrian, a Paula e a Lucy — pudemos lidar com a partida do Tayo. Embora ele tivesse partido nas melhores circunstâncias possíveis, ficara uma tristeza, um vazio na família, que levaria o seu tempo a diminuir, e que provavelmente só começaria a desaparecer com a chegada da criança seguinte. É precisamente por esta razão que alguns pais de acolhimento aceitam de imediato uma nova colocação.

A primeira criança a chegar para o acolhimento de cobertura, no início de novembro, foi a Jemma, uma pequenina de cinco anos que estava com os seus cuidadores havia seis meses. Ficou connosco durante uma semana. A Jemma sofria de um atraso no desenvolvimento e tinha as necessidades de uma criança de três anos. A Paula e a Lucy, as minhas filhas de 16 e 18 anos, mostraram-se muito agradadas em ajudar-me com a menina, e praticamente substituíam-me quando, ao fim da tarde, chegavam da escola e da faculdade. Mas eu sabia que a Paula tinha de escrever um extenso trabalho de investigação e pensei que era bom a Jemma não ficar por mais tempo, pois parecia-me que não havia grandes escritas ao fim da tarde, e sim muita brincadeira com Barbies. E, embora fosse certo que a Jemma tinha gostado muito da sua semana de atividades incessantes com as minhas filhas, ficou obviamente satisfeita quando os seus cuidadores permanentes voltaram da sua pausa e a levaram para casa.

Três dias depois da partida da Jemma, pediram-me para dar acolhimento de cobertura durante duas semanas à Daisy. Ela tinha quinze anos. Normalmente não acolho adolescentes — ter três meus é suficiente! E pensa-se que se obtém um maior equilíbrio familiar se a criança (ou crianças) acolhida(s) não tiver a mesma idade que a criança ou crianças que já estiverem na família: há menos probabilidades de rivalidade entre irmãos e as necessidades da criança acolhida podem ser mais bem atendidas. No entanto, a colocação era de apenas duas semanas, e eu sabia que a Daisy era considerada «difícil», portanto seria complicado encontrar quem lhe desse acolhimento de cobertura. Além disso, pensei que, com a Daisy na escola e sem os altos níveis de necessidades de uma criança

pequena, eu teria possibilidade de pintar a casa de banho antes de ter de começar a pensar no Natal.

A Daisy devia chegar às seis da tarde com a sua cuidadora, Kriss, mas só apareceu às nove e meia da noite, pois não chegara a casa antes das nove. Vi que a Kriss estava muito stressada: entrou para o vestíbulo com a Daisy e a respetiva mala, desculpando-se repetidamente pelo atraso. Disse-lhe que não se preocupasse, garanti que não nos tinha causado qualquer inconveniente (a flexibilidade e a adaptabilidade são essenciais no acolhimento), e prometi-lhe que cuidaria bem da Daisy. Esta era uma rapariga esguia e atraente, com cabelo comprido e louro, que obviamente gostava de se vestir à moda e que claramente não estava satisfeita por ter de ficar comigo. Eu já sabia pela Jill, a técnica da agência de acolhimento Homefinders, que a Kriss ia passar duas semanas em Espanha com uma amiga. A Daisy fora convidada a ir com elas, mas recusara: não queria deixar o namorado.

— Não percebo porque não podia ter ficado em casa — resmungou a Daisy, quando a Kriss se foi despedir.

— Sabes bem que não podes, querida, tens quinze anos — disse a Kriss, parecendo ainda mais stressada. — Dá-me um abraço. O meu voo sai daqui a três horas. — E acrescentou, olhando para mim: — Sabe Deus o que eu faria se ela se tivesse atrasado mais.

Voltei a garantir à Kriss que a Daisy ficaria bem e mandei-a embora.

— Adeus, minha querida — disse ela à Daisy.

— Adeus — disse a Daisy, amuada, sem olhar para ela e recusando o abraço.

— Adeus. Espero que as férias sejam ótimas! — exclamei.

Ao fechar a porta, perguntei-me se a Daisy se atrasara tanto no regresso a casa com intenção de tentar impedir a Kriss de partir.

— És um pouco nova para ficares em casa sozinha — disse à Daisy a sorrir. — Aliás, estávamos ansiosas por te ter connosco.

— A sério? — perguntou ela com um ar duvidoso, mas não tão duvidoso como o meu pressentimento, porque a expressão dela era temível.

— Sim — disse eu, alegremente. — As minhas filhas adoram a companhia de outras adolescentes.

A Lucy e a Paula estavam nos respetivos quartos, e chamei-as para as apresentar. Com o embaraço típico daquelas idades, todas elas sorriram timidamente, de olhos baixos, e mal conseguiram proferir um «Olá».

— Preciso de lavar o cabelo — disse-me a Daisy.

— Está bem, querida. Primeiro vamos levar a tua mala para cima.

Ajudei a Daisy a carregar a sua grande mala até ao primeiro andar e ao que iria ser o quarto dela. Depois mostrei-lhe onde era a casa de banho e certifiquei-me de que ela tinha tudo o que precisava. A Lucy e a Paula voltaram aos respetivos quartos com intenção de se prepararem para a cama; com escola e faculdade no dia seguinte, eu gostava de as ter deitadas às dez da noite.

Uma hora mais tarde, a Daisy continuava na casa de banho, e os meus toques ligeiros na porta com «Está tudo bem aí dentro?» tinham-se transformado em pancadas mais insistentes e «Daisy, por favor, despacha-te! Todas precisamos de ir à casa de banho.» Pensei que era uma sorte o Adrian estar na universidade e por isso não estar ali também na fila para a casa de banho, porque ultimamente ele tinha começado a passar lá mais tempo do que todas nós juntas.

A Daisy saiu finalmente da casa de banho às onze horas, comigo pouco satisfeita. Embora ela fosse ficar connosco durante apenas duas semanas, eu tinha de estabelecer algumas regras básicas, tentando ao mesmo tempo fazê-la sentir-se bem-vinda. Preparei-lhe uma bebida antes de se deitar — ela quis chocolate quente — e, enquanto a Lucy e a Paula se revezavam na casa de banho, sentei-me com ela nos bancos do pequeno-almoço, na cozinha, e expliquei-lhe delicadamente que, ao contrário da casa da Kriss, onde estavam só elas as duas, nesta casa éramos quatro, e que todas tínhamos de usar a casa de banho. Além disso, nas noites de semana, eu queria-a na cama às nove e meia, e de luz apagada às dez, pois ela tinha de estar acordada e pronta às sete e meia da manhã para apanhar o autocarro da escola. A Daisy gostou do chocolate quente — bebeu-o de um trago e pediu outro — mas não mostrou o mesmo entusiasmo pela minha rotina de deitar.

— Está bem — disse, mal-humorada, no equivalente adolescente de «Estou a ouvir-te, mas não concordo.»

— Excelente — disse eu, otimista como sempre. — Sei que isto vai ser um pouco diferente para ti, mas estou certa de que correrá bem. São só duas semanas, e depois voltas para a Kriss.

— Sim, está bem — repetiu ela.

Preparei-lhe outro chocolate quente, que ela também bebeu de um trago. Depois acompanhei-a ao quarto e disse-lhe que queria que ela se deitasse de imediato e desfizesse a mala na manhã seguinte.

A mala nunca chegou a ser desfeita. Na manhã seguinte, certifiquei-me de que ela tinha o passe e o dinheiro para o almoço, e que tinha vestido pelo menos parte da farda, e depois fui à porta despedir-me.

— Vemo-nos logo! — exclamei.

Mas não vimos.

A Daisy não voltou da escola. Fiquei preocupada, mas não tão preocupada como ficaria com outra criança, pois sabia pela Jill que ela tinha o hábito de desaparecer e que normalmente aparecia em casa do namorado. No entanto, tinha, ainda assim, de seguir as orientações normais para crianças que não chegavam a casa quando deviam, e liguei à agência de acolhimento às cinco da tarde, dizendo que a Daisy estava atrasada. A Jill mandou-me esperar mais uma hora e voltar a ligar. Liguei às seis, dizendo que ela ainda não tinha regressado. A Jill já tinha contactado a assistente social da Daisy, que disse que, embora esta normalmente aparecesse em casa do namorado, eu devia, ainda assim, participar o seu desaparecimento à Polícia. Deixando a Lucy e a Paula a tratar do jantar, liguei para a esquadra local e cumpri o (moroso) processo de participar um desaparecimento, sentindo sempre que provavelmente estava a fazer perder tempo à Polícia. E estava.

Cinco minutos depois de eu ter terminado a chamada e de me sentar para jantar, a Jill ligou: a Daisy telefonara à sua assistente social, dizendo que estava com o namorado no apartamento dos pais dele. A assistente social dissera-lhe que ela podia ficar lá. Pelo tom de voz da Jill, percebi que não aprovava aquela solução, mas a decisão não era dela. Eu não sabia o suficiente sobre a situação da

Daisy para determinar se era ou não a decisão certa, mas senti-me desapontada por ela não querer ficar connosco, e lamentei ter feito perder tempo à Polícia.

A Daisy apareceu ao fim de dois dias para levar algumas roupas da mala que estava ainda por desfazer no seu quarto, e aceitou um chocolate quente, mas não quis falar. Dois dias depois disso, reapareceu para mudar novamente de roupa e tomar banho: pelos vistos, o chuveiro dos pais do namorado estava avariado.

— Falta só uma semana para a Kriss voltar — disse eu, apanhando-a a meio caminho entre a casa de banho e o que devia ser o quarto dela. — Acho que seria bom passares esta semana connosco.

A Daisy encolheu os ombros e a seguir pediu o secador de cabelo e um chocolate quente, que lhe dei na esperança de tentá-la a ficar. Não resultou, e calculei que ela tinha decidido à partida que não ficaria connosco. Apareceu duas vezes na semana seguinte para mudar de roupa, tomar banho e, claro, beber chocolate quente, mas não se demorou.

Eu mantinha um registo diário das idas e vindas da Daisy, e ligava à Jill com atualizações regulares. Tenho de manter registos e de a informar regularmente sobre todas as crianças que acolho. A Jill informava a assistente social da Daisy, que não se mostrava muito preocupada com ela. Eu e a Jill tínhamos de aceitar que, mal ou bem, os serviços sociais consideravam apropriado que a Daisy, com quinze anos, ficasse com o namorado e os pais deste. Sentia-me frustrada por não poder fazer o meu trabalho como devia ser e cuidar dela.

Quando a Kriss chegou para recolher a Daisy ao fim de duas semanas, não ficou surpreendida ao saber que ela não estava connosco. Disse que levaria a mala dela e que iria depois buscá-la a casa do namorado. Contou-me que acolhia a Daisy havia dois anos e, devido ao facto de esta ser «difícil», fazia pausas regulares, certificando-se de que ela tinha também férias. Agradeceu-me o incómodo e pediu desculpa pelo comportamento da Daisy, o que eu afirmei ser desnecessário. Acrescentou que era frequente ela passar o fim de semana inteiro em casa dos pais do namorado e

que, depois de muitas reuniões e discussões com a assistente social, se concluíra que esta era a melhor solução possível, e que pelo menos a Daisy tinha um teto sobre a cabeça e estava em segurança. O facto de ela dormir com o namorado e presumivelmente manter relações sexuais ilegais (sendo menor) fora endereçado fornecendo-lhe a pílula contraceptiva. Por vezes, as expectativas têm de ser radicalmente ajustadas com os adolescentes, e considera-se que um esquema de funcionamento prático (com a colaboração deles) é uma opção melhor do que tentar impor objetivos irrealistas e irrealizáveis.

Enquanto eu ajudava a Kriss a levar a mala da Daisy para o carro, pensando que não tinha podido sequer despedir-me dela, quem havia de aparecer ao fundo da rua, com o namorado, senão a jovem em pessoa! Quando viu a Kriss, largou a mão do namorado e voou para os braços dela, verdadeiramente feliz por vê-la.

— Tive saudades tuas! — exclamou.

— E eu tuas — disse a Kriss.

Eu sorri e perguntei à Daisy como estava.

— Bem — respondeu.

— Sim, bem — concordou o namorado.

A Kriss atirou-me um sorriso estoico e a seguir abriu a porta de trás do carro para eles entrarem. Eu fiquei no passeio a vê-los partir, acenando à jovem que não chegara a acolher.

Depois da Daisy, tive o Sam, um menino de seis anos, que me foi entregue por uma semana. Não foi uma cobertura mas uma emergência, pois a mãe, que era sozinha e sem família próxima, dera entrada no hospital para dar à luz o seu segundo filho. Depois de o Sam partir, renovei a casa de banho e comecei de imediato as compras natalícias. Sabia que não receberia mais crianças em acolhimento de cobertura antes do Natal, pois todos estariam ocupados nas preparações festivas e não iriam de férias, mas era possível receber uma colocação de emergência. Fui buscar o Adrian à universidade e nós os quatro colocámos os enfeites, aproveitando também a oportunidade para ir uma noite ao teatro local ver uma produção musical de *Scrooge*.

Em 22 de dezembro, três dias antes do Natal, a Jill ligou, e não foi apenas para nos desejar Boas Festas:

— Cathy, foi-nos encaminhado um menino de sete anos chamado Reece — anunciou. — Foi posto sob guarda há pouco mais de um mês, mas ainda não assentou. Está com os cuidadores atuais há uma semana, e estes acederam a ficar com ele no Natal, desde que haja um fim à vista. Podes aceitá-lo no Ano Novo?

«Ho ho», pensei, e não num tom natalício. Uma semana e tem de voltar a ser mudado!

— Obrigada, Jill — respondi. — Feliz Natal para ti também!
Ela riu-se.

— Estou certa de que não é tão mau como dizem, só um pouco ativo. Volto a ligar-te com mais pormenores e uma data exata para a mudança assim que souber.

— Está bem. Feliz Natal.

— Igualmente.

Eu não sabia bem se queria mais pormenores, pois «não assentou» e «acederam a ficar com ele no Natal, desde que haja um fim à vista» significavam claramente que o Reece estava a provocar estragos.